

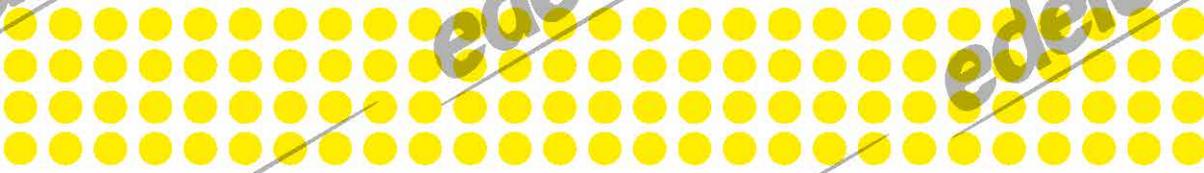
Moacyr Scliar

Ilustrações
Titi Juchem

JORNAL

deu no

edelbra



edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra

→ deu no

JORNAL



Projeto Gráfico e Ilustrações: Titi Juchem
Revisão: Paulo Ricardo Kralik Angelini

Copyright © Edelbra

1ª edição, 2ª impressão

S419d Scliar, Moacyr

Deu no jornal / Moacyr Scliar; ilustrações Titi Juchem. – Erechim, RS : Edelbra, 2008.
32 p. : il. .

ISBN 978-85-360-0948-3 (capa dura)

ISBN 978-85-360-0954-4 (brochura)

I. Literatura juvenil. 2. Contos Juvenis. I. Juchem Titi. II. Título.

CDD 028.5

CDU 087.5

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento: 51 2118 4400

cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

RESPEITE O DIREITO AUTOREAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

DEU NO JORNAL

MOACYR SCLiar

Deu no jornal - Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Deu no jornal - Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra.

Deu no jornal. Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Editora Edelbra.

Deu no jornal. Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Deu no jornal - Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra.

Deu no jornal - Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Deu no jornal - Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra.

Ilustrações de Titi Juchem

Deu no jornal - Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Deu no jornal - Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra.

Deu no jornal - Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Deu no jornal - Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra.

Deu no jornal. Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Deu no jornal - Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra.

Deu no jornal. Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Deu no jornal - Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Deu no jornal - Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra.

Deu no jornal. Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Deu no jornal - Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra. Deu no jornal. Moacyr Scliar. Ilustrações de Titi Juchem. Editora Edelbra.

Deu no jornal. Moacyr Scliar. **edelbra** Editora Edelbra.

edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra

Os óculos mágicos

Quando eu era criança, tive um problema. Melhor dizendo, tive vários problemas, mas havia um que era bem chato. Eu precisava usar óculos. Meus pais tinham me levado num médico especialista em olhos e ele, depois de me examinar, fez o anúncio em tom solene:

– Você tem de usar óculos – disse, e entregou a receita ao meu pai.

Bem, que eu precisava usar óculos, isso eu já sabia. Porque a verdade é que eu não enxergava bem. Na aula, tinha de sentar na primeira fila e, mesmo assim, às vezes não conseguia ler o que a professora escrevia no quadro. Mais: vivia dando topadas por toda a parte, tanto que minhas pernas estavam

todas esfoladas. Claro que eu precisava de óculos. Só que eu não queria usar óculos.

Achava que todo o mundo iria debochar de mim,

que me dariam apelidos tipo Quatro Olhos.

Meu pai, minha mãe e minha irmã mais velha, a Teresa, insistiam, lembravam o que o médico tinha falado. Inútil.

– Não uso óculos e está acabado! – eu dizia.

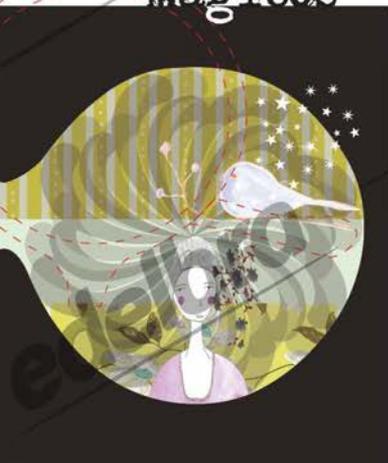
Bom, hoje uso óculos. Vocês perguntarão: mas então você mudou?



Mudei. E mudei graças à vó Cornélia.

Vó Cornélia era a mãe do meu pai. Eu não a via muito seguidamente; ela morava no interior e só de vez em quando aparecia para nos visitar. Mas, quando vinha, era um acontecimento, principal-

mágicos



mente para mim. Porque a vó Cornélia, uma velhinha miúda, magrinha, tinha fama de feiticeira. Todo o mundo dizia que ela podia fazer mágicas incríveis. O

meu sonho era ver alguma mágica da vó Cornélia.

Logo depois da visita do médico ela veio nos visitar. Nos primeiros dias correu tudo normal, como se ela fosse uma avó igual às outras. Mas uma noite me chamou. Disse que tinha um presente especial para mim e me deu uma caixa plástica.

Abri, e o que havia lá dentro? Óculos.

– Estes óculos são mágicos – ela disse. – Se você usá-los sempre, de repente vai ver coisas maravilhosas, coisas que você nunca viu antes.

Foi assim que comecei a usar óculos. E nunca mais parei. A vó Cornélia morreu há muito tempo. E vocês perguntarão: e aquela história da mágica era mentira dela?

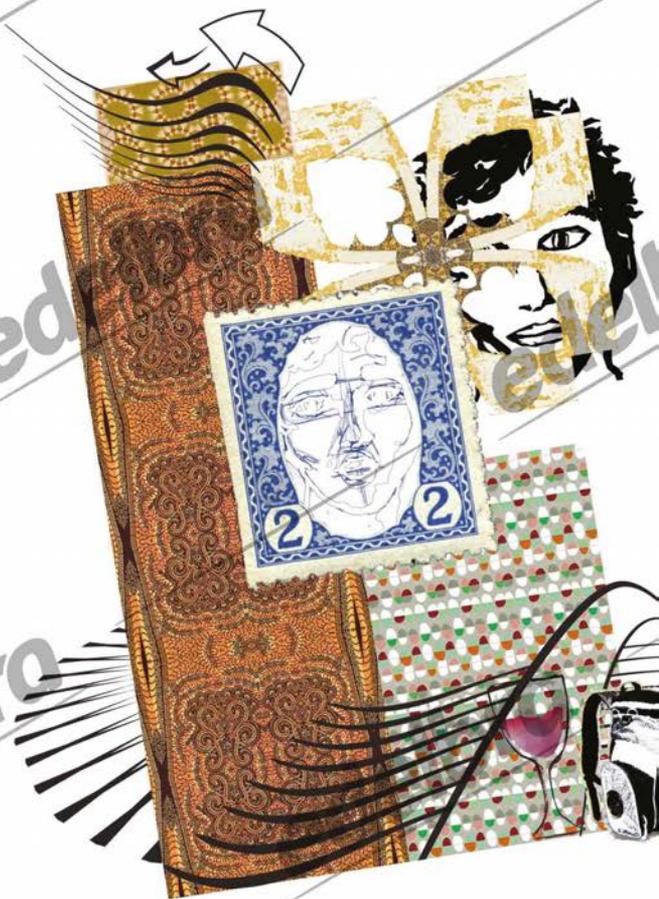
Não, não era mentira. Ou pelo menos não era totalmente mentira. Porque os óculos foram mágicos para mim. Agora eu podia ler, podia enxergar direito, e podia ver coisas que nunca tinha visto antes. Com os óculos eu tinha descoberto a magia da vida. ■

A volta do filho pródigo

Cerca de 30 mil crianças e adolescentes fogem todo ano no Brasil. Oitenta por cento voltam para casa. Dificuldades com a família e busca de independência são as causas mais frequentes das fugas. A volta é acompanhada de arrependimento.

Meus pais não me compreendem, ele pensava sempre. As brigas, em casa, eram frequentes. Os pais reclamavam do som muito alto, das roupas estranhas, das tatuagens. Revoltado, decidi fugir de casa. Sabia que, para seus velhos, aquilo seria uma dura prova: afinal, ele era filho único. Mas estava na hora de mostrar que não era mais criança. Estava na hora de dar a eles uma lição. Botou algumas coisas na mochila e, uma madrugada, deixou o apartamento. Tomou um ônibus e foi para uma cidade distante, onde tinha amigos.

Ali ficou por vários meses. Não foi uma experiência gratificante, longe disso. Os amigos só



o ajudaram na primeira semana. Depois disso ficou entregue à própria sorte. Teve de trabalhar como ajudante de cozinha, morava num barraco, foi assaltado várias vezes, até fome passou. Finalmente resolveu voltar. Mandou um e-mail, dizendo que estaria em casa daí a dois dias. E, lembrando que a mãe era uma grande leitora da Bíblia, assinou-se como “Filho Pródigo”.

Chegou de noite, cansado, e foi direto para o prédio onde morava. Como já não tinha chave do apartamento, bateu à porta. E aí a surpresa, a terrível surpresa.

O homem que estava ali não era seu pai. Na verdade, ele sequer o conhecia. Mas o simpático senhor sabia quem era ele: você deve ser o Fábio, disse, e convidou-o a entrar. Explicou que tinha comprado o apartamento em uma imobiliária:

– Seus pais não moram mais aqui. Eles se separaram.

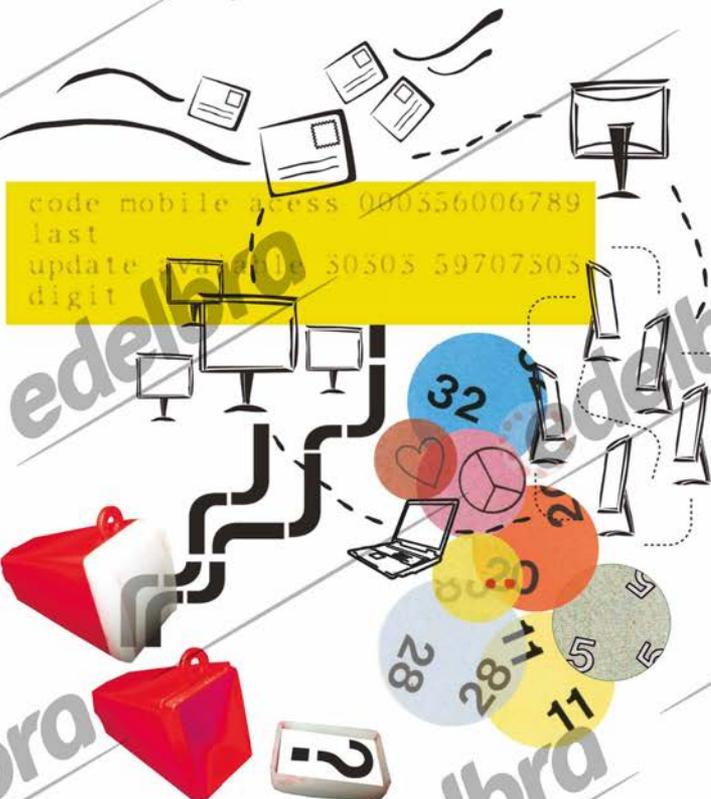
A causa da separação tinha sido exatamente a fuga do Fábio:

– Depois que você foi embora

eles começaram a brigar, um responsabilizando o outro por sua fuga. Terminaram se separando. Seu pai foi para o exterior. De sua mãe, não sei. Parece que também mudou de cidade, mas não sei qual.

Fábio não aguentou mais: caiu em prantos. O homem se aproximou dele, abraçou-o. Entre aqui no seu antigo quarto, disse, tenho uma coisa para lhe mostrar. Ainda soluçando, Fábio entrou. E ali estavam, claro, o pai e a mãe, ambos rindo e chorando ao mesmo tempo. Tinha sido tudo uma encenação. Abraçaram-se, Fábio jurando que nunca mais sairia de casa.

A verdade, porém, é que Fábio não gostou da brincadeira, mesmo que ela tenha lhe ensinado muita coisa. Os pais, ele acha, não podiam ter feito aquilo. Se fizeram, é por uma única razão: não o compreendem. Um dia, ele terá de sair de casa. Mais tarde, naturalmente, quando for homem, quando tiver sua própria casa. Só que aí levará os pais junto. Pais travessos como os que ele tem precisam ser controlados. ■



A família que rastreia unida permanece unida

Tecnologia auxilia pais a localizar filhos: celulares equipados com rastreadores fornecem a localização do usuário. ■ Folha de São Paulo

A primeira a usar o celular com rastreador foi a filha mais velha, Júlia. Contra a sua vontade, aliás: não quero ninguém no meu pé, protes-

tava, sei o que fazer da minha vida, vocês não precisam me localizar a toda a hora. Os pais, porém, insistiram: quando Júlia saía, não conseguiam adormecer; o dispositivo pelo menos lhes daria alguma tranquilidade. Aconselhada por amigas, a garota acabou aceitando.

Depois foi a vez do filho do meio, Gilberto. Aos quinze anos ele também já estava frequentando bares e baladas, de modo que o pedido dos pais veio como algo inevitável. Gilberto ainda resistiu um pouco, mas acabou concordando, inclusive porque o pai lhe prometeu comprar uma moto se não reclamasse.

Isabel, a caçula, aceitou o rastreador sem discutir. Por um lado, tinha o exemplo da irmã e do irmão; por outro lado, menina tímida, assustada, sentia-se protegida com a vigilância eletrônica.

E aí aconteceu o inesperado: os pais se separaram. O pai saiu de casa, foi morar num flat. Segundo suas próprias palavras, estava decidido a viver todas as aventuras que a vida de casado não lhe permitira. Resultado: nunca o achavam. No flat raramente permanecia; o celular ficava desligado. Reunidos com ele, os filhos fizeram a exigência: agora é a sua vez de usar o rastreador. Ele suspirou, disse que aquilo era uma ironia, filhos rastreando o pai, mas teve de aceitar.

Quanto à mãe, depois de um período de depressão, arranjou namorado. Depois outro, logo um terceiro, um quarto. Resultado: também ela não era mais localizável. Os filhos, até por uma questão de justiça, exigiram que a genitora entrasse na rotina do rastreador.

A essa altura, rastrear-se mutuamente estava ficando complicado, de modo que, por sugestão de Gilberto, decidiram instalar uma espécie de Central de Rastreamento (CR), que ficou aos cuidados de uma moça muito simpática, a Lígia. Por meio de um programa de computador, cada membro da família pode localizar os outros, isoladamente ou em conjunto, a qualquer hora do dia ou da noite. O problema é que Lígia também gosta de se divertir, e frequentemente abandona a CR. Isso motivou uma reunião da família (ou ex-família). Resolveram contratar uma outra moça, esta bastante séria, para rastrear a Lígia. Afinal, o que fazemos no mundo senão andar nos rastros uns dos outros? ■

A guerra dos narizes

Um “nariz eletrônico” desenvolvido por cientistas da Universidade de Manchester (Reino Unido) pode controlar remotamente o mau cheiro em depósitos de lixo. “Atualmente, não há qualquer outro acessório sensível o bastante para monitorar a concentração de cheiros e gases nestes locais. Geralmente, eles são analisados por voluntários que inalam amostras de ar”, diz o comunicado da Universidade. ■ Folha de São Paulo

Ele ficou simplesmente mortificado quando soube que a prefeitura da cidade ia adquirir o nariz eletrônico desenvolvido na Universidade de Manchester. Não que fosse contra a inovação tecnológica; mas é que, em matéria de nariz, ele desempenhava uma função importante. Tinha, desde criança, um olfato notável. Onde outros não sentiam cheiro algum, ele era capaz de identificar o tipo de odor e, mais tarde, depois que se graduou na universidade, até a substância, ou substâncias, responsáveis pelo referido odor. A partir daí começou a ser chamado como perito; sempre que alguém se queixava

de mau cheiro nas vizinhanças, era ele quem dava o veredicto final. Agora, porém, derrotava-o o



progresso científico; com o nariz eletrônico, a sua atuação tornava-se desnecessária.

Uma decisão que não aceitaria passivamente, sem lutar. Conseguiu uma audiência com o próprio prefeito. Lembrou que sua fama já tinha ultrapassado as fronteiras do município, do estado e do próprio país, e que era candidato até a figurar no Livro dos Recordes como a pessoa de olfato mais sensível na face da Terra. O prefeito reconhecia tudo isso, mas, dizia, a avaliação que ele fazia sempre seria de caráter subjetivo, sujeita à contestação judicial. Com o nariz eletrônico, imperaria a neutralidade científica. Ele então se dispôs a fazer um teste: se o nariz eletrônico detectasse melhor uma substância escolhida em segredo no laboratório da Prefeitura, renunciaria à reivindicação de manter o cargo, aliás honorífico, mas do qual tinha muito orgulho.

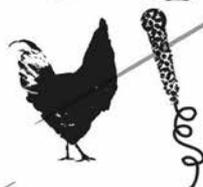
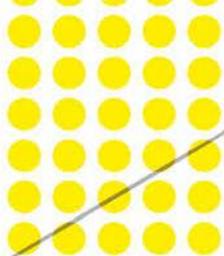
O teste foi marcado para daí a três dias. Quando ele acordou, na manhã decisiva, teve um choque; sem saber como, sem nenhum

sintoma prévio, tinha contraído um resfriado que o deixava de nariz entupido, com o olfato reduzido a praticamente zero. E agora? O que fazer? Se pedisse um adiamento, achariam que estava com medo de competir. Resolveu, pois, enfrentar o desafio.

A prova foi realizada no auditório da Prefeitura, cheio de gente: a mídia estava toda ali. Um químico trouxe o frasco com a substância de teste, que foi submetida primeiro ao nariz eletrônico.

Nada. O aparelho não acusou nada. O técnico responsável disse que um chip importante tinha queimado e que a troca tardaria umas duas semanas. Aí colocaram o frasco diante do nariz do desafiante. Gás metano, disse ele, sem hesitar, e, em meio a aplausos de todos, o prefeito proclamou-o vencedor.

É claro que ele não tinha sentido cheiro algum. Mas há algum tempo vinha namorando a química-chefe do laboratório, que naturalmente lhe passou o segredo. O cheiro do amor chega a qualquer lugar. ■



Moacyr Scliar nasceu em Porto Alegre em 1937 e faleceu na mesma cidade em 2011. Foi autor de 74 livros em vários gêneros: romance, conto, ensaio, crônica, ficção infantojuvenil. Suas obras foram publicadas nos Estados Unidos, França, Alemanha, Espanha, Portugal, Inglaterra, Itália, Rússia, Tchecoslováquia, Suécia, Noruega, Polônia, Bulgária, Japão, Argentina, Colômbia, Venezuela, Uruguai, Canadá e outros países, com grande repercussão crítica. Recebeu os seguintes prêmios, entre outros: Prêmio Academia Mineira de Letras (1968), Prêmio Joaquim Manoel de Macedo (Governo do Estado do Rio, 1974), Prêmio Cidade de Porto Alegre (1976), Prêmio Brasília (1977), Prêmio Guimarães Rosa (Governo do Estado de Minas Gerais, 1977), Prêmio Jabuti (1988, 1993 e 2000), Prêmio Casa de las Americas (1989), Prêmio Pen Club do Brasil (1990), Prêmio Açorianos (Prefeitura de Porto Alegre, 1997 e 2002), Prêmio José Lins do Rego (Academia Brasileira de Letras, 1998), Prêmio Mário Quintana (1999).

Foi professor visitante na Brown University (Department of Portuguese and Brazilian Studies), e na Universidade do Texas (Austin) nos Estados Unidos.

Foi colunista dos jornais *Zero Hora* (Porto Alegre), *Folha de São Paulo* e *Correio Braziliense*. Teve textos adaptados para cinema, teatro, tevê e rádio, inclusive no exterior. Médico, especialista em Saúde Pública e Doutor em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública. Ocupou a cadeira 31 da Academia Brasileira de Letras.

Uma menina mimada insiste que seu pai compre uma casa de boneca, mas aquela não é uma casinha qualquer.

Um filho descobre o grande segredo de seu pai desaparecido.

Para onde vão os anos velhos?

Pode o amor resistir a uma cobrança de pênalti?

Essas e outras histórias convidam para a leitura de *Deu no Jornal*, um livro de contos com personagens incomuns e desfechos inesperados.

edelbra

ISBN 978-85-360-0948-3



9 788536 009483